

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: Um Diálogo com a BNCC nas Práticas de Ensino-Aprendizagem

Isabelle Geovana de Oliveira

Graduanda em Pedagogia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Keite Keli Simeão Rosa

Graduanda em Pedagogia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Amanda Eliane Lamônica Araújo

Mestre em Letras – UFMS;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas - FITL/AEMS

RESUMO

Este estudo parte de uma pesquisa bibliográfica e interpretativa que permeia os estudos dos processos de alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental no Brasil, realizando um diálogo com o documento formativo da Base Nacional Comum Curricular, que prevê novas práticas metodologias docentes com vistas ao protagonismo da criança frente a construção e consolidação de sua aprendizagem nas dimensões: cognitivas, socioemocionais, culturais e políticas, que favoreça a aquisição de competências e habilidades em seu desenvolvimento humano integral. A pesquisa ocupa-se também da realidade demonstrada por meio dos resultados divulgados pelas avaliações externas, que ainda se encontra deficitária no processo formativo do indivíduo, nas questões relacionadas não somente ao domínio da escrita e da leitura, mas sobretudo a compreensão do que se lê e escreve. Diante destes desafios enfrentados as reflexões aqui trazidas estão fundamentadas pelas contribuições da autora, Magda Soares, do emérito professor, Paulo Freire e da pesquisadora, Maria Rosário Mortatti, e o texto da BNCC, proporcionado aos professores alfabetizadores uma reflexão de suas práticas de ensino para que seja possível garantir uma educação de qualidade, assegurando o desenvolvimento eficaz no processo de alfabetização e do letramento, com práticas metodológicas ativas que possibilite ao educando uma posição crítica que contribua para transformação da sociedade ao qual faz parte se relacionando de forma significativa, ou seja, que todo o conhecimento consolidado faça sentido para sua vida em diversas dimensões.

PALAVRAS-CHAVE: alfabetização; letramento; BNCC; ensino-aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

O presente ensaio objetiva um estudo intrinsecamente bibliográfico sobre as teorias e autores que ao longo dos anos vem se debruçando nas perspectivas de um ensino e aprendizagem pautados pelas práticas docentes pedagógicas por meio da Alfabetização e Letramento. Dentre estes dois métodos citados, ainda há professores, pesquisadores e teóricos que afirmam e acreditam que são processos desenvolvidos de forma isolada no percurso de aquisição da aprendizagem.

Sobre essas concepções equivocadas a autora e pesquisadora Emília

Ferreiro (2009) em seus estudos sobre alfabetização em processo, tem uma abordagem sobre o exposto, em que a mesma nos elucida que “para diversos professores que lidam com a alfabetização, o termo letramento é mais imponente e veio substituir a alfabetização... há aqueles, ainda, que consideram alfabetização e letramento como sinônimos”, porém diante das leituras realizadas sobre os estudos que permeiam o campo da alfabetização depreendemos que na verdade são metodologias de ensino complementares, ou seja, dependentes uma da outra para que o aluno realmente se torne um cidadão letrado, autônomo que utiliza o processo de leitura e escrita nos contextos sociais em que está inserido.

A alfabetização e o letramento são processos inseparáveis que complementam-se, permitindo uma formação mais ampla do estudante, tornando-o não apenas um ser-humano alfabetizado, mais um cidadão que possua habilidades e competências do processo de ler, escrever e compreender a importância dessas práticas sociais e comunicativas em suas relações, enquanto cidadão inserido em uma sociedade democrática que valoriza o domínio desses habilidades para o exercício da cidadania plena.

O grande desafio proposto ao professor-mediador do século XXI é a compreensão e a utilização dessas duas práticas metodológicas em sua sala de aula, concretizando assim o ato de “alfabetizar letrando”, como nos aponta a emérita pesquisadora, Magda Soares, em seus estudos sobre a distinção entre alfabetizar e letrar. Partindo disto, os professores devem refletir sobre essas práticas pedagógicas em sua ascensão profissional enquanto docente e acima de tudo, como essas práticas ou métodos de ensino poderá ser desenvolvida em suas aulas, planejamentos, projetos, sequências didáticas, dentre outras ações didáticas pertinentes ao alfabetizar letrando, para que haja uma aprendizagem significativa e de qualidade junto aos seus alunos.

O termo letramento ganhou grande visibilidade nos últimos anos, mas infelizmente, muitos profissionais viram nessa nova perspectiva didática uma metodologia na qual o aluno “aprende sozinho” apenas tendo contato com a leitura e escrita, contudo não é esta a proposta do letramento, e sim de complementar a já trabalhada e conhecida alfabetização com uma estrutura didática que contemple também variadas metodologias que utilizem os conhecimentos prévios nos aspectos sociais, culturais e cognitivos que o aluno traz consigo do seu contato e vivências

com o mundo letrado.

Partindo disto, o surgimento do letramento em consonância com a alfabetização permite significados diferentes com referência ao que antes se esperava e acredita algumas instituições de ensino nas competências leitoras e escritas, ou seja, se pararmos para observar os documentos anteriores ao surgimento do termo letramento, tínhamos sujeitos classificados apenas como: alfabetizado ou analfabeto.

A alfabetização tem a sua função de desenvolver habilidades e competências de ler e escrever, ou seja, o aluno junta letras que formam sílabas, que por sua vez formam palavras, frases e constroem textos e vai desenvolvendo cada vez mais as práticas de oralidade e escrita com diversos gêneros textuais, avançando assim na codificação e decodificação dos códigos e elementos interpretativos críticos do uso da linguagem.

O letramento vem como uma metodologia que busca fazer com que os alunos consigam expressar através da escrita, seus sentimentos, pensamentos críticos, auto avaliação nos aspectos cognitivos e socioemocionais, no que concerne a resiliência, determinação, autoconfiança, respeito, foco, curiosidade, confiança, dentre outras competências, já que estamos inseridos em uma sociedade exige muito mais que um simples ler e escrever e sim se posicionar criticamente frente aos desafios do cotidiano.

Por isso, quando se pensa na ideia de que o aluno só tem contato com a escrita na escola seria absurdo, já que o mesmo, desde o seu nascimento interage em mundo todo letrado, ou seja, permeado de figuras, cores, letras, e de significados que não é preciso estar alfabetizado para que se possa entender. Um bom exemplo disso é o bebê que só aceita o leite de chocolate e não o de morango, pois, já compreendeu que a cor é diferente. Isso é o que chamamos de leitura de mundo, a bagagem que a criança carrega consigo mesmo antes de estar em uma sala de aula, e essa leitura de mundo será o embasamento para o que chamamos de letramento quando esta for iniciada em sala de aula.

Portanto, este estudo busca esclarecer o termo letramento e o motivo pelo qual surgiu e se tornou parte relevante na fase da alfabetização de nossas crianças, e o que mudou com essas novas perspectivas de aprendizagem em que a alfabetização e o letramento são vistas e aplicadas como metodologias intrínsecas e

dependentes entre si para o alcance de um ensino de qualidade entre esses dois grandes eixos que contemplam as práticas de profissionais que atuam nos primeiros anos do ensino fundamental.

2 OBJETIVOS

Este artigo tem por objetivo evidenciar e demonstrar a relação existente entre os estudos relacionados a alfabetização e o letramento como processos formativos dos anos iniciais do ensino fundamental dialogando com os pressupostos defendidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

3 MATERIAL E MÉTODOS

Realizou-se pesquisa bibliográfica no Google Acadêmico.

4 ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DA BNCC

No contexto brasileiro, a alfabetização destaca-se, principalmente, após a Proclamação da República, com o intuito de tornar a população esclarecida à nova ordem política e social, considerada como um instrumento de aquisição de conhecimento, de progresso e modernização do país.

Segundo Mortatti (2006), em seus estudos sobre História dos Métodos de Alfabetização no Brasil, nos descreve quatro momentos históricos marcados pela preocupação com o acesso ao saber, sendo eles:

São eles: a metodização, de 1876 a 1890, organizada pelas “aulas régias”; a institucionalização do método analítico, a partir de 1890, com a nova reforma da educação pública; a alfabetização sob medida, a partir de 1920, com a disputa entre o método misto e analítico; e a desmetodização, a partir de 1980, com a alternância entre os métodos sintéticos e analíticos, mas principalmente com a preocupação em contestar as cartilhas até então utilizadas (MORTATTI, p. 5, 2006).

Com o passar dos anos muito se desenvolveu no campo da alfabetização a partir dos estudos e aplicabilidades destes novos períodos acima citados com métodos, conceitos, teorias e metodologias que tiveram maior e menor eficácia no campo da alfabetização no processo do ler e escrever, mas mesmo com toda

evolução, o Brasil ainda enfrentava um problema de muita relevância questionando a sua qualidade na educação básica, especialmente, a dos anos iniciais do ensino fundamental. Então a pergunta que se fazia era: como mudar isso e realmente realizar uma educação de qualidade?

Com referência ao questionamento acima, muito se reconheceu a partir de estudos das metodologias aplicadas na sala de aula que a principal causa que apontava para a baixa qualidade da alfabetização era o ensino fundamentado na Pedagogia Tradicional, e a partir daí surge novas ideias para que fossem realizadas inovações nas práticas didáticas de ensino aprendizagem das instituições de ensino. Diante de tal fato, ainda hoje encontra-se problemas no ensino de ordens variadas, pelas práticas retrógradas por parte de algumas instituições de ensino ainda pautadas na didática tradicionalista e que infelizmente não abrem espaços para novas abordagens. Por isso a grande importância de uma formação docente bem estruturada e fundamentada em novas vertentes metodológicas que dialoguem com as necessidades apresentadas no processo de alfabetização e letramento desta nova geração, que podemos chamá-los de nativos digitais em que o saber é manipulado de forma rápida e o professor é um agente primordial para mediar todo este processo que condiz com as novas realidades da sociedade do século XXI.

Para a emérita professora e pesquisadora do processo de aquisição da escrita e da leitura, Magda Becker Soares (2008, p. 8) “A alfabetização etimologicamente, significa: levar à aquisição do alfabeto, ensinar a ler e a escrever, ou seja, a alfabetização é a aquisição do código alfabético e ortográfico, através do desenvolvimento das habilidades de ler e escrever”.

Outro aspecto importante neste processo de alfabetização a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no site SAE digital, link: <https://sae.digital/bncc-ensino-fundamental-anos-iniciais/>. Apresenta como foco das ações pedagógicas a sistematização de alguns tópicos relacionados a seguir, que nos mostram as competências e as habilidades envolvidas no processo de alfabetização e que a criança deve desenvolver (i) compreender diferenças entre escrita e outras formas gráficas (outros sistemas de representação); (ii) dominar as convenções gráficas (letras maiúsculas e minúsculas, cursiva e script); (iii) conhecer o alfabeto; (iv) compreender a natureza alfabética do nosso sistema de escrita; (v) dominar as relações entre grafemas e fonemas; (vi) saber decodificar palavras e textos escritos;

(vii) saber ler, reconhecendo globalmente as palavras e (viii) ampliar a sacada do olhar para porções maiores de texto que meras palavras, desenvolvendo assim fluência e rapidez de leitura (fatiamento).

Diante do exposto pelo documento norteador da base nacional, infere-se que no percurso de aquisição do conhecimento nos anos iniciais do ensino fundamental, a consolidação da aprendizagem se dá pela progressão do desenvolvimento das práticas do sistema de escrita, bem como a valorização das experiências culturais e anseios de novas aprendizagens das crianças.

5 LETRAMENTO: Um Desenvolvimento Integral

Partindo das leituras e reflexões realizadas sobre o processo de aquisição da escrita e leitura, observa-se que as práticas metodológicas do letramento são ainda muito recentes entre os professores alfabetizadores, que significa o processo de relação das pessoas com a língua escrita e não se pode afirmar que uma pessoa é considerada iletrada, pelo fato de que todos os seres humanos estão constantemente se relacionado com o mundo das letras seu redor desde o seu nascimento apreende o mundo material a sua volta.

Vários estudos nos apontam que há níveis de letramento no contexto do uso práticas da língua escrita e falada, que podem variar conforme a realidade social, econômica e cultural de cada pessoa inserida nas relações humanas, por isso destaca-se a importância da atuação do professor como agente político deste processo em que deve nortear suas práticas voltadas para a promoção de uma educação integral do sujeito, nos aspectos: cognitivos, socioemocional, cultural e político que favoreça o desenvolvimento pleno na formação para autonomia. Diante deste contexto mencionado acima, sobre a Educação Integral, o texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) sendo este um documento legal nos termos da lei, traz à baila discussões a níveis federais, estaduais e municipais, a fim de estudar e construir um currículo norteador que garanta uma base de princípios e organização dos conhecimentos e competências comum a todos os educandos com foco no desenvolvimento pleno do indivíduo. Nesse contexto a BNCC, afirma:

“(...) de maneira explícita o seu compromisso com a **educação integral**, reconhecendo que a educação básica deve visar a formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica romper com visões

reducionistas que privilegiam a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva, ou ainda, que confundem 'Educação integral' com 'educação ou escola de tempo integral'. Independentemente da duração da jornada escolar, o conceito de Educação integral, com a qual a BNCC está comprometida se refere a construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos alunos e, também, com os desafios da sociedade contemporânea, de modo a formar pessoas autônomas, capazes de se servir dessas aprendizagens em suas vidas" (BRASIL, 2017, p. 18).

A partir da contextualização acima dos documentos da BNCC, depreende-se que o letramento está intimamente ligado às práticas metodológicas de ensino-aprendizagem efetivadas pelos professores alfabetizadores em seus planos de ensino, objetivando e buscando o desenvolvimento de competências e habilidades nas dimensões cognitivas, socioemocionais, culturais e políticas, construindo um sujeito capaz de enxergar o mundo ao seu redor de forma mais crítica ao qual está inserido. Isso faz da alfabetização uma prática centrada mais na individualidade de cada um e do letramento uma prática mais ampla e social. Assim, o letramento se torna uma forma de entender a si e aos outros, desenvolvendo a capacidade de questionar com fundamento e discernimento, intervindo no mundo e combatendo situações de opressão (FREIRE, 1996).

O termo letramento ganha espaço a partir de quando se constata uma problemática na educação, pois através dos resultados de pesquisas, avaliações e análises, permite concluir que o domínio de ler e escrever nem sempre é garantia de compreensão do que se lê e escreve. Entretanto, é importante reconhecer que muito mais que além de ler e escrever se faz necessário que ser humano possa realizar uma leitura crítica da realidade em que vive, tornando-se de fato um cidadão que responda satisfatoriamente as demandas de uma sociedade contemporânea que exige do indivíduo sua atuação autônoma.

6 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: Um Enlace

Partindo das diferenças dos dois métodos explicitados nos itens acima, objetiva-se neste a demonstração de há possibilidades de almejar a qualidade de ensino englobando todas as dimensões do desenvolvimento global do ser humano, conciliando as práticas de alfabetização e letramento ao mesmo tempo com procedimentos e a produção de práticas reflexivas que recaem sob um enlace entre os dois processos. Partindo destas reflexões o autor Brandão (2004), nos elucida

sobre a metodologia freiriana de que se alfabetizar, é possível compreender a importância da indissociabilidade e simultaneidade destes dois processos. Em seu método de alfabetização, ele propõe que se parta daquilo que é concreto e real para o sujeito, tornando a aprendizagem significativa, mas utilizando também os mecanismos de alfabetização.

Diante deste contexto de aprendizagem é de suma importância que principalmente o professor alfabetizador amplie sua didática de ensino reconhecendo e valorizando que seu aluno já traz consigo e mesma que restrita uma leitura de mundo, ou seja, sempre levar em consideração que algo construído e já consolidado faz parte do seu repertório de vida com conhecimentos prévios, antes mesmo de adentrar ao período de escolarização.

Sobre a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos quando chegam a escola, Paulo Freire (1996) em sua obra *Pedagogia da Autonomia* nos permite a seguinte reflexão:

(...) que o sujeito quanto mais amplia sua visão de mundo, mais se liberta da opressão, ou seja, o sujeito letrado que já possui seus conhecimentos prévios, com um determinado ponto de vista, quando alfabetizado, pode modificar seus pensamentos, ampliando-os de forma que passa a refletir criticamente sobre a prática social (FREIRE, 1996, p. 14).

Portanto, a perspectiva positiva de alfabetizar letrando se torna uma prática necessária por parte dos educadores nos tempos de hoje, para que o Brasil avance em seus resultados e estatísticas obtidas através das avaliações externas de larga escala, em que evidencia que a maior parte dos índices baixos, não é apenas o da alfabetização, mas também no que concerne a consolidação de aprendizagem nos aspectos de dominar as competências e habilidades da leitura e da escritas nos aspectos que exigem interpretação e raciocínio, ou seja, há uma grande ausência de letramento na alfabetização das pessoas. Conclui-se assim, que ainda há muito trabalho a ser desenvolvido junto aos alunos para que se possa atingir uma educação de qualidade e produzir um ensino, em que os educandos não sejam apenas uma caixa de depósito de conhecimentos, mas que venham a ser seres pensantes e transformadores da sociedade.

Portanto, o professor exerce um papel importante no ato de ensinar seus alunos, para que estes desenvolvam a criticidade e tendo como uma de suas atribuições e compromissos o desenvolvimento da aquisição do saber de forma que

o aluno seja protagonista de seu conhecimento, e não apenas o ato de ensinar conteúdos, como detentor de todo o conhecimento já construído e acabado, em que apenas deposita em seus alunos, sem possibilidade de questionamentos. Nessa perspectiva emancipatória, Freire (1996, p.14) nos diz: “[...] percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”.

Por tanto, as práticas de alfabetização e letramento mesmo com suas particularidades, são consideradas indissociáveis no percurso de escolarização de qualquer sujeito. Cada uma representa e efetua na aprendizagem o seu progresso efetivo e significativo nas práticas sociais educativas. Além disso, o letramento vai além do ler e escrever, e sim exercendo sob o indivíduo sua função social, com foco no exercício pleno de aquisição do sistema de escrita, enquanto a alfabetização ocupa-se da preparação e domínio do código alfabético.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, reconhecendo que ensinar não é uma tarefa fácil e que os professores buscam cada dia mais aprimorar suas didáticas para que aconteça e produzam um aprendizado de qualidade, a alfabetização juntamente com o letramento permeia suas bases em práticas transformadoras com propostas de aprendizagem em que o aluno não seja apenas decodificador de escrita, mas um cidadão autocrítico e reflexivo diante dos desafios e acontecimentos da sociedade em que estão inseridos, exercendo seu “protagonismo juvenil” diante de seu desenvolvimento pessoal e também da comunidade ao qual está inserido.

Com relação ao educando protagonista, evidencia-se aqui que este termo foi incorporado à Educação por Antonio Carlos Gomes da Costa, educador mineiro, que vem desenvolvendo uma nova prática educativa com jovens e dentro da ideia de protagonismo juvenil proposta pelo educador, “o jovem é tomado como elemento central da prática educativa, que participa de todas as fases desta prática, desde a elaboração, execução até a avaliação das ações propostas”. O referido autor nos esclarece ainda que:

Protagonismo juvenil é a participação do adolescente em atividade que

extrapolam os âmbitos de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, os diversos âmbitos da vida comunitária; igrejas, clubes, associações e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio- comunitário (COSTA, 2000, p.90)

É necessário esse novo olhar de alfabetizar e letrar para que surjam essas novas práticas transformadoras. Logo, a educação das séries iniciais, que coincide com o período de início da alfabetização, é o alicerce de toda estrutura da educação que se desenvolverá conseqüentemente em anos escolares seguintes, necessitando assim de muita consideração e valorização nas práticas de ensino e aprendizagem, principalmente permeadas pelas novas propostas de uma base nacional comum, porém com um currículo diversificado que favoreça ao aluno aprendizagens essenciais para sua formação plena. Os professores alfabetizadores devem estar cientes de seu papel e de sua responsabilidade de formação dos sujeitos como intelectuais e cidadãos comprometidos com a transformação social.

Por fim, acredita-se que é possível, sim, atingir a qualidade na educação brasileira, começando primeiramente pelos cursos de formação de professores, especializações, pós-graduações e formações continuadas em serviço, de modo que proporcione reflexões e práticas inovadoras dentro das instituições de ensino públicas e privadas do país.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. O que é o método Paulo Freire. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. Base Nacional Curricular Comum: Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/BNCC-APRESENTAÇÃO.pdf>>. Acesso em 10 out. 2019.

COSTA, A. C. G. da. Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática. Salvador, Fundação Odebrecht, 2000.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a uma prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORTATTI, M. R. L. História Dos Métodos De Alfabetização No Brasil. (2006). Disponível em <<http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizar-letrar/lecto->

escrita/artigos/alfabetizacao%20no%20brasil.pdf>. Acesso em 10 out. 2019.

SAVIANI, D. Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 40ªed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPED, Minas Gerais, 2003.

SOARES, M. Alfabetização e letramento. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOARES, M. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação, v. 14 n. 40, p. 143-155, jan./abr. 2009.